

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE MAIO DE 1909

N.º 247

D. MANUEL II



Retrato, que, por iniciativa do delegado do procurador regio no Sabugal, sr. dr. Valle e Sousa, foi ha pouco ainda collocado na sala do tribunal judicial d'aquella pittoresca villa da Beira Baixa. E' um magnifico trabalho de ampliação em platina executado no "atelier" da Photographia União, do Porto.

Rio de Janeiro

Uma objectiva indiscreta enviou ao *Brasil-Portugal* estes instantaneos colhidos na chacara da Gavea, soberba vivenda de João Borges. E o *Brasil-Portugal* estampa-os nas suas paginas, sem pedir venia ao dono da quinta — um portuguez ás direitas que detesta as vaidades terrenas e que foje, como o diabo da cruz, dos *engrossadores*, entre os quaes esta Revista não saberia achar-logar. Aqui ficam os grupos e n'elles certo *poseur* de poucos mezes e de carita rechunchuda que, do fundo da sua cadeira de verga, parece ter se compenetrado da gravidade da situação e da sua importancia de pessoa grande, quasi ao lado do avô, muito menos importante do que elle.



Familia João Borges

Castigo imposto por D. João I á villa de Barcellos

Com este titulo foi publicada n'um dos numeros d'esta Revista uma pequena noticia historica cujo fundamento não tratámos de averiguar, não só porque não é essa a especialidade do *Brasil-Portugal* mas tambem porque, correndo impressa em diversos livros, a reputavamos verdadeira.

Claro está que, transcrevendo-a, o fizemos unicamente pela curiosidade do facto que revelava, sendo quasi escusado affirmar que, não havendo da nossa parte o intuito de lisonjear a cidade de Guimarães, muito menos ainda existiu o de deprimir a villa de Barcellos visto que para engrandecer uma não seria preciso amesquinhar a outra. Em ambas as localidades contamos assignantes e a ambas queremos como boceados que são da terra portugueza, toda ella gloriosa e de nobres tradições.

Afinal a referida noticia deu occasião a que tenhamos de nos felicitar e felicitar os nossos leitores pelo brilhante artigo que, desmentindo a authenticidade da noticia em questão, nos foi enviado pelo sr. dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz, por intermedio do noaso assignante sr. dr. Rodrigo Velloso, que tambem muito se interessa pela villa de Barcellos porque, segundo nos affirma na carta que nos escreveu, quantando n'ella não tivesse nascido, lá passou a melhor parte da sua existencia.

O sr. dr. Antonio Ferraz, que pela primeira vez honra as paginas d'esta Revista com a sua collaboração, é um distincto barcellense muito dado a investigações historicas e que bastante tem profundado as antigas e gloriosas tradições da villa de Barcellos.

Damos-lhe gostosamente a palavra:

Como se escreve a historia! . . .

Com a epigraphe — «Castigo imposto por D. João I á villa de Barcellos» — publicou a estimada revista «*Brasil-Portugal*» em seu n.º 241 de xi anno, um pequeno artigo começando por dizer que entre os muitos privilegios, honras e exemptions, que os reis de Portugal concederam á villa de Guimarães (hoje cidade), se encontra uma provisão de el-rei D. João I, em que manda que os vereadores da camara de Barcellos vão varrer a praça e açougues de Guimarães nas vespersas de todas as festividades camararias, e isto por castigo da fraqueza com que os barcellenses se houveram na conquista de Ceuta.

Não é verdade. Tal provisão não existe; nunca existiu. E reptamos quem quer que seja a que nos prove o contrario.

Em primeiro lugar, ninguem viu ou leu esse documento, e dos muitos escriptores que, antes do seculo xviii, se occuparam de Barcellos ou Guimarães nenhum a elle se refere. Do *Arch. Nac. da Torre do Tombo*, onde tem sido muito procurado, tambem nada consta, nem mesmo qualquer ligeira referencia que nos auctorise a suspeitar da sua existencia, e outro tanto se pode dizer dos archivos municipaes de Guimarães e Barcellos.

Ora, se nada apparece n'esses archivos, se nenhum escriptor coevo ou quasi coevo fez a menor, a mais leve ou mais discreta allusão ao successo de Ceuta na parte que diz respeito a Barcellos ou

a Guimarães, podemos afirmar, sem receio de desmentido, que essa provisão é apocrypha.

O primeiro auctor que a mencionou foi o padre Antonio Carvalho da Costa, a pag. 103 do 1.º vol. da «*Corographia Portugueza*» (edic. de 1706), onde, tratando da villa de Guimarães, copia quasi textualmente um velho manuscrito intitulado «*Memorias Ruscuscitadas da Antiga Guimarães*» escripto em 1692 pelo vimarenense padre Torquato Peixoto de Azevedo e publicado no Porto em 1845. Devemos, porem, notar, que o padre Carvalho, embora invocasse a provisão do mestre d'Aviz para com ella comprovar a servidão barcellense, foi, comtudo, o primeiro a negar-lhe a authenticidade, porque, tendo dito a pag. 103 da sua obra que esse encargo fôra imposto à villa de Barcellos como castigo da sua covardia na expugnação de Ceuta, como da propria provisão constava, afirmou, depois, a pag. 365 do mesmo volume, tratando de Santa Eugenia de Rio-Côvo, que esta freguezia fôra «antigamente couto de Guimarães e por castigo, e privilegios que tinham, eram os moradores obrigados a ir-lhe varrer as ruas; mas sendo mui prejudicial a Barcellos haver aqui este Couto tam seu vizinho, em que se recolhiam cem criminosos, d'onde sahiam a rouballos, lhes derão em troca as Freguezias de Cunha e Ruilha com a mesma obrigação.»

Quer dizer; tanta fé merecia aquelle diploma ao padre Carvalho, que primeiro eram os vereadores de Barcellos os obrigados a varrer a praça e açougues de Guimarães; depois, poucas paginas voltadas sobre a infeliz narrativa da lenda, já essa obrigação não pertencia a Barcellos, mas sim à freguezia de Santa Eugenia de Rio Côvo, que, sendo couto da comarca de Guimarães, tinha aquelle encargo em troca de certos privilegios que destructava!

Admiravel de verdade e coerencia! Pois, apesar de tudo, prevaleceu a toleima da servidão barcellense, e a lenda, amparada no *solido e incuravel* testemunho de uma provisão que nunca existiu, lá vae correndo mundo em gazeta e até em livros, com taes fóros de verdadeira, que já agora ninguem ousa contestal-a..

E' que ha mentiras com o poder mysterioso de, a pouco e pouco, se transformarem em factos historicos, que ficariam, se a louvavel tenacidade de pacientes investigadores não conseguisse desmascaral-os e mostrar, assim, o que são e o que valem.

A causa d'esta servidão — diz ainda a mesma lenda foi a seguinte: «Indo este rei (D. João I) a tomar a cidade de Ceuta, como tomou, a 21 de agosto de 1415, repartiu as estancias da muralha da cidade pelos moradores das cidades e villas, que com elle foram e o ajudaram n'esta empreza, para que cada um guardasse e defendesse a que se lhe entregava. Os mouros se refizeram, e tornando com grande força para recuperarem a cidade, que tinham perdido, a investiram com grande alarido à escala, fugindo os de Barcellos, e deixando de todo livre a estancia, cuja defeza lhe tinha sido confiada. Vendo isto os de Guimarães, se dividiram em dois troços, um com que foram occupar e defender aquella, e outro com que defenderam a sua; e com tanto valor o fizeram, em uma e outra estancia, que só d'elles os inimigos se foram mui queixosos. Castigou el-rei a fraz de Barcellos em lhes mandar, que .. com um barrete vermelho na cabeça, uma banda ao hombro da mesma cor, e a espada à cinta, e um pé descalço e outro calçado, e vapouras de giesta, fossem varrer a praça e açougues aos de Guimarães...»

Escudados na opinião dos nossos mais abalisados chronistas, ser-nos-hia facil mostrar que a lucta travada entre mouros e portuguezes em Ceuta, não teve a importancia que se lhe quer dar.

Pelo contrario, o combate feriu-se e venceu-se n'um momento. Todo o trabalho dos portuguezes reduziu-se a chacinar mouros e a saquear a cidade, e tão pequena resistencia encontraram, tão pouco renhida foi a lucta, que dos nossos, sendo ahí em numero de cinhenta mil, morreram apenas oito homens, ao passo que os mouros tiveram, diz-se, de cinco a dez mil baixas. E' certo que no dia seguinte, os mouros tentaram ainda approximar-se das muralhas da cidade, mas não a investiram com grande força e alarido à escala, que de pavor fizessem fugir os barcellenses. O que houve foi «*algumas escaramuças sem consequencia*».

Seja, porem, como fór, a verdade é que, para nos convencermos de que o caso de Ceuta não passa de uma infeliz historieta inhabilitada para explicar a estranha mas bem comprovada servidão a que foram obrigados os povos de Cunha e Ruilha (e não os de Barcellos), bastará attentar no extravagante e absurdo castigo, que, no dizer do impagavel padre Carvalho, D. João I infligiu à camara de Barcellos.

Pasmoso e phantastico castigo foi esse na verdade; e o auctor que não teve pejo de estampar n'um livro seu tal dislate, certa-

mente mais não pretendia que tornar bem sciente a posteridade de que renunciava para sempre no conceito de homem sensato e prudente, que porventura alguém d'elle fizesse.

Admittiamos a possibilidade de os soldados de Barcellos, n'um momento de desanimo, terem commetido a grave falta de que injustamente os accusam. Eguamente admittiamos que, em consequencia d'ella, D. João I os castigasse severamente; e admittiriamos, até, se quizessem, que a pena, embora com flagrante injusticia, fosse incidir sobre os pobres vereadores, que nenhuma responsabilidade tinham no acontecimento.

O que é inacreditavel, por exceder tudo quanto a phantasia mais desvairada possa crear, é que o mestre d'Aviz — o rei esclarecido, justiceiro e bom, que mereceu da historia o cognome de *Principe de Boa Memoria* — impuzesse aquella pena vil e humilhante aos vereadores de uma villa, que era não só o condado, mas tambem a residencia habitual de seu filho D. Afonso!

Affirmar tal contrasenso, só o poderá fazer quem desconhecer o respeito que os nossos antigos soberanos votavam aos seus municipios, as muitas prerogativas que então amplamente gosavam e a altiva independencia que tão desassombadamente manifestavam em tudo quanto parecesse attentorio dos seus brios ou immunities.

Como muito bem disse o sr. Dr. José Machado, no seu primoroso opusculo — «*Alvaro de Braga*» — *Reflexões ao sr. Pereira Caldas* — ligar aquelle facto (a servidão) com a tomada de Ceuta e admittir a possibilidade de ser um castigo severo dado por D. João I à cobardia dos soldados de Barcellos; convencer-se de que uma pena vil podia ser applicada ás instituições como ás pessoas, aos cavalleiros, como aos piões; ignorar a legislação vigente no seculo xv e o conceito que se formava do crime e da sua punição; achar natural que um encargo vexatorio que pesava sobre um concelho podesse *remir-se* pela cedencia de freguezias, ficando a cargo d'estas

o antigo serviço — tudo isto são coisas que se desculpam ao padre Torquato e ao padre Carvalho. Na sua epocha a critica historica comia o pão amargo da opposição. Mas o sr. Pereira Caldas não podia repetir impunemente aquelles desacertos, e devia lembrar-se de que as freguezias de Cunha e Ruilha já pertenciam ao julgado ou concelho de Guimarães no seculo xiii.»

Pois a este libello esmagador nada teve que replicar o sabio professor do lyceu de Braga, não obstante o empenho, tantas vezes demonstrado, com que sempre propugnou por uma regalia, que muito lisonjeava o seu orgulho de vimarenense.

Não é significativo este silencio?

Finalmente, e para fechar com chave d'oiro, termina a lenda que vimos apreciando, dizendo que a servidão durou por espaço de mais de 70 annos, até que, não havendo quem quizesse ser vereador em Barcellos, o Duque de Bragança, D. Jayme, fez contracto com a camara e povo de Guimarães, de lhes largar do concelho de Barcellos, de que era senhor, as freguezias de Cunha e Ruilha, para que os seus moradores continuassem naquella servidão, eximindo d'ella o municipio barcellense.

Eis uma prova mais com que os paladinos da *singularissima honraria vimarenense* (como alguém modestamente a qualificou!), pretendem convencer os que obstinadamente se recusam acceitar como boa historia as insulsas necedades do padre Carvalho e do seu mestre.

Infelizmente para elle, tambem esta prova é insubsistente, como demonstrado ficou que o era a já referida provisão de el-rei D. João I.

Pois quem viu o documento comprovativo do contracto, onde existe o que de indicios restam d'elle nos municipios de Guimarães ou Barcellos?

Neste ultimo, principalmente, não deveria ter sido guardado com recato, para que a todo o tempo se mostrasse que já não era aos vereadores de Barcellos, mas sim aos povos de Cunha e Ruilha, que pertencia a obrigação do aviltante tributo?

E, a ter-se feito algum contracto, poderia o Duque D. Jayme outhorgar n'elle? Não o cremos, porque se a servidão durou mais de 70 annos, e suppondo que se prolongasse por 80, o contracto devia ter sido feito em 1495, e n'esse anno ainda o Duque D. Jayme estava homisado em Castella, não possuindo nenhum dos titulos e senhorios de sua casa, que, confiscados por D. João II em 1483, só lhe foram restituídos quando D. Manuel I, em 1496, consentiu no seu regresso ao reino. Mas ha mais:

Como era possível que o duque D. Jayme cedesse do seu concelho de Barcellos ao de Guimarães as freguezias de Cunha e Ruilha, se ellas não eram do concelho de Barcellos e, pelo contrario, pertenciam ao de Guimarães, pelo menos desde a segunda metade do seculo xiii?

BARCELLOS



(Cliché de F. Martins).

Um aspecto da villa

Querem a prova do que afirmamos?

Tem-na nas *Inquirições* de el-rei D. Diniz, (1288-1290), que relacionam as freguezias de Cunha e Ruilha no antigo couto de S. Torquato, do julgado de Guimarães (vid. *Liv. 1.º das Honras e Decassas de Além Doiro*, na T. do Tombo).

Tem-na no contracto de trocas das terras de Cunha pelas de Valladares, feito entre D. João I e um tal Gonçalo Correia, em 1411, onde se diz: «a nossa terra de Cunha a velha e casas d'ella que ha no nosso almoxarifado de Guimarães» (vid. *Liv. 3.º de D. João I*, fol. 132, da T. do Tombo).

Tem-na ainda na estatística mandada fazer por el-rei D. João III, em 1527, d'onde consta que aquellas freguezias eram então do termo de Guimarães (vid. *Lyero do numero que por mandado del-Rey nosso Senhor se fez das cidades e vylas e lugares de Antre Douro e Myrno e moradores delas, etc.*, na T. do Tombo).

E tem-na, finalmente, no mappa junto á *Lei Eleitoral de 7 de agosto de 1826*, que dá as duas referidas freguezias no concelho de Guimarães, passando, depois, para a de Braga, por decreto de 24 de outubro de 1855.

Ora, se Cunha e Ruilha, desde 1288 a 1855, pertenceram sempre ao concelho de Guimarães, é evidente que Barcellos não lh'as podia ter cedido no seculo xv, para que, em preço, se eximisse do vexatorio encargo.

Demonstrado, como fica, que os dois documentos allegados (*provisão de D. João I e contracto do Duque D. Jayme*) são documentos de pura invenção, provado está que a celeberrima servidão de Barcellos, por que não tem um só argumento serio a comproval-a, não passa de uma estulta lenda, talvez muito do agrado da proverbial credence do vulgo, mas que o estudioso probo e circumspecto deve sem discussão rejeitar — tão inconsistente é a sua contestura, tão suspeita e palpavel a sua inverosimilhança.

E aqui está, reduzida ao seu justo valor, o que é, afinal, a singularissima honraria vimaranense, com que tanto se desvanece o velho burgo que justamente se ufana de ser o berço da monarchia, e honram alguns escriptores nossos, que não tem hesitado em dar-lhe publicidade, não obstante saberem que, para condemnar essa tradição aos olhos dos desapaixonados, bastaria já não diremos o silencio absoluto que sobre ella guardaram todos os escriptores contemporaneos e os que lhes succederam no largo periodo de quasi tres seculos, mas o facto bem saliente de ser absurda em si.

Antonio Ferraz.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Brasil-Portugal

MEDALHA DE OURO

Na sua já longa existencia de onze annos acaba de receber o terceiro premio o *Brasil-Portugal*.

Foi-lhe conferido o primeiro na Exposição Internacional de Paris, o segundo na Exposição Internacional de S. Luiz, e agora confere-lhe a **Medalha de Ouro** a Exposição do Rio de Janeiro.

Desvanecem-nos, como é natural, estas altas distincções, porque sancionam o esforço empregado pela empreza da nossa Revista, atravez de todos os obstaculos, e o triumpho litterario, artistico, moral e patriotico, alcançado n'uma lucta em que nunca desanimámos e em que dia a dia conseguimos apertar cada vez mais as relações entre os dois paizes que falam a lingua portugueza.

O terramoto no Ribatejo



Em Benavente. — Imagem de Nossa Senhora da Paz que as mulheres do povo foram buscar á respectiva capella, collocando-a no acampamento da praça Anselmo Xavier

(Cliché de J. Benoit).



O terramoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE — *Um trecho do acampamento*

O tremor de terra em 23 de abril de 1909

O pânico que a todos os espíritos assaltou não foi proporcional ao cataclismo que o produziu. E' que elle não derivou dos efeitos do tremor de terra, antes foi o resultado de complexas e diversas sensações. Não se tivesse dado ha pouco ainda o terramoto da Sicilia e da Calabria, e não teria havido esse terror composto de todos os terrores, porque sobre elle pesava a recordação dos episodios medonhos, das scenas lancinantes, dos crudelissimos lances porque tinham passado aquellas desgraçadas populações italianas.

Quer dizer que não foi um cataclismo de respeito aquelle que acaba de ferir Portugal?

De forma alguma, pode mesmo avançar-se que desde 1755 foi o mais intenso e violento abalo de terra, que se tem sentido no continente portuguez. E' certo não ter occasionado desastres sensiveis em Lisboa, mas infelizmente não é menos certo que uma extensa zona do nosso lindo Ribatejo foi ferida de morte por essa catastrophe geologica. Foi lá mais violento, mais intenso, o abalo sismico do que o foi em Lisboa? A primeira vista não pode deixar de ser affirmativa a resposta, sobretudo para os profanos cuja observação visa principalmente o numero de victimas. Não o pode determinar, porém, a sciencia, não só porque são grandes as suas deficiencias n'esta ramificação do saber humano, mas tambem porque pesa sobre nós mais esta vergonha com que se não contava e que a tantas vem juntar-se, de termos apparatus sismicos e não nos podermos servir d'elles porque... não estão montados! Não de, como é natural, pretender os observatorios estrangeiros verificar as condições em que o phenomeno se produziu em Lisboa, não de inquirir dos nossos sabios os dados precisos e scientificos, e não de ter em resposta que nada se pode medir, que nada se pode registar, porque os apparatus estavam... desapparelhados!

E' comtudo Lisboa é uma cidade a que não são estranhos os terramotos, como se vê da nota abaixo, e comtudo quando alguém avança que Portugal está na rectaguarda da civilisa-

ção, sabios e governos protestam e se não lapidam o que a tão corajosa injuria se aventurou é porque... não podem.

Deixemos, porém, estas considerações de ordem geral, ou, se querem antes, de ordem nacional, ponhamos de parte as razões que militam a favor de Lisboa, perante um abalo sismico: a natureza do seu solo, a construção pombalina das suas casas, o que a colloca em notavel melhoria em relação com a região assolada, substituida por um terreno de alluvião, no qual assentam casinhotos mal construidos, — o que justifica talvez a crueldade com que a natureza acaba de tratar toda essa extensa zona ribatejana, — e falemos propriamente da situação afflictiva em que o cataclismo de abril deixou tantos milhares de pessoas.

Benavente está arrasada e outras povoações como o Cartaxo, Muge, Samora, Alhandra, Salvaterra, e algumas mais, teem desmoronadas algumas das suas casas e fendidas as paredes de outras, pondo em risco não só os seus habitantes como as pessoas que pelas ruas transitam. São grandes as perdas materiaes, mas essas, os governos, as collectividades, os particulares, teem obrigação restricta de quanto antes as repararem. O que não é possível é restituir-se a vida a quem a perdeu e tantas existencias, tão uteis e tão valiosas o terramoto varreu consigo, tantas dôres occasionou, preparou tão negras angustias e cavou desgraças tão profundas, que ao contempla-las não ha corações que não sangrem, olhos que fiquem enxutos. Quantos infelizes, quantos compatricios nossos, chefes de familia, mães, filhos, viúvas desoladas, não estão a esta hora chorando a perda do seu parente, a morte de uma pessoa querida! Quantos não teem soffrido, juntamente com a extenuante dôr moral, a tortura da fome, expostos ao sol, ao vento, sem abrigo, sem amparo, muitos d'elles afastados para sempre dos entes estremecidos!

São estes tremendos infortunios que compungem os corações mais empedernidos e perturbam as almas bem formadas.

Felizmente, basta que em Portugal uma calamidade publica se annuncie, para que a fraterna corrente de solidariedade humana se



O terramoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE

Soldados trabalhando nas ruínas

estabeleça de prompto, e de prompto a compaixão, a caridade, o amor pelos outros, se manifestem em toda a sua grandeza christã, e em toda a sua sublimidade se revelem.

Para minorar tantas dôres e suavisar infortunios tão profundos já rompeu caminho a crusada da humanidade, a crusada do altruismo e da confraternidade humana. E á frente d'ella o primeiro a chegar, o primeiro a conduzi-la, o primeiro a ocupar o posto de honra e de benemerencia foi el-rei. El-rei poz ao serviço dos afflictos, dos miseraveis, dos desgraçados toda a sua generosa mocidade, todos os recursos do seu espirito, todas as forças do seu valimento. Bem haja.

Alguns apontamentos historicos acerca da villa de Benavente

Não se sabe ao certo d'onde deriva a etymologia da palavra Benavente, parecendo, porém, que resulta de *bene eventus* (feliz acontecimento) em razão d'uma grande victoria alcançada n'aquelle logar pelos christãos contra os mouros, segundo uns affirmam, ao passo que outros asseveram que a referida victoria foi ganha aos barbaos do norte no anno 500 da nossa era.



O terramoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE

*O Senhor D. Affonso visitando a villa no dia immediato
à tremenda catastrophe*

(Clic-ta de J. Benolite).



O terramoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE
Uma rua em ruínas

Também ao certo se não sabe, visto que as opiniões divergem, se a villa de Benavente assenta exactamente no local onde existiu uma povoação romana denominada *Aritium Pretorium*, como consta do Itinerario de Antonio Pio, e que era a primeira estação militar romana de Lisboa a Merida.

Benavente foi conquistada aos mouros, em 1147, depois da tomada de Santarem.

No anno de 1200 o bispo de Evora, D. Payo, reedificou-a, povoando-a também e dando-lhe foral, confirmando successivamente por D. Sancho I a 8 de Abril do mesmo anno, D. Alfonso II a 5 de Fevereiro de 1218 e D. João I a 24 de Outubro de 1404. Mais tarde teve foral novo dado por D. Manuel I em Lisboa a 16 de Janeiro de 1516.

Benavente pertencia á ordem de Aviz e o povo do seu termo veio trabalhar nas muralhas de Lisboa no tempo de D. Fernando.

Tinha um palacio real e uma tapada de que hoje já não restavam vestígios.

Benavente era um condado que mais tarde foi extinto.

O primeiro conde, D. Rodrigo Affonso Pimentel, foi feito por D. Filipe II em 1598. Descendia de D. Fruela, irmão de D. Alfonso I, genro de Pelágio, o fundador da monarchia de Oviedo e Leão, tendo vindo para Portugal no tempo do conde D. Henrique o seu primeiro ascendente — D. Alfonso Fernandes Novaes. O grande romancista portuguez Camillo Castello Branco descendia da casa de Benavente.

Era notavel a igreja matriz que o recente terramoto destruiu por completo. Era um templo magnifico que se recommendava aos forasteiros pela sua construcção elegante, ampla, sustentada sem columnas, n'um arrojado de architectura que causava assombro.

As suas paredes mediam 2^m,30 de espessura e tinha sido mandada construir por D. Sancho I que nunca chegou a concluí-la, passando-se ainda muitos reinados até que D. Pedro II ordenou a sua conclusão.

Ao norte da povoação existe o Calvario, havendo ali um cruzeiro de pedra, feito em 1644, que assenta n'um pedestal com cinco degraus.

D'este sitio avista-se um panorama magnifico, vendo-se San-

tarem, Azambuja, Villa Nova da Rainha, Alemquer, Castanheira, etc.

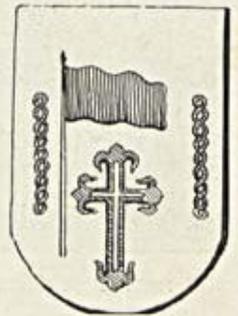
O brazão d'armas de Benavente consiste no escudo tendo ao centro uma bandeira vermelha e a cruz verde de Aviz, e aos lados uns cordões ou correntes também verdes, que dizem ser peias.

Benavente possuia alguns edificios dignos de menção, devendo citar-se os Paços do Concelho, as egrejas da Misericordia e de Santhiago, a capella da Senhora da Paz, a casa do lavrador João Vicente de Almeida, um bello palacio mandado construir por Pedro Hypolito da Silva Correia, etc.

A villa está situada 40 kilometros a leste de Lisboa e 20 a oeste de Santarem.

E' a séde do concelho de Benavente e compõe-se de trez freguezias: Benavente (Nossa Senhora da Graça) — Samora Correia e Santo Estevam.

Segundo o censo de Portugal de 1900 o numero de fogos no concelho era de 1583, sendo 879 em Benavente, 499 em Samora e 205 em Santo Estevam. A população do concelho era de 6573 habitantes.



O terramoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE
Orando á Senhora da Paz devotamente collocada na praça Anselmo Xavier

Terramotos em Portugal desde o anno 309 até ao grande terramoto de 1755

A 22 de fevereiro do anno 309 houve um espantoso terramoto, cujos effeitos destruidores se pronunciaram em todo o paiz, sendo sentido em quasi toda a Europa.

Em 382 houve outro que se sentiu em quasi todo o mundo; muitas ilhas foram submergidas, das quaes ainda hoje se vêem algumas eminencias em frente do Cabo de S. Vicente.

Em 1033 (29 de junho) succedeu a um eclipse do sol um grande terramoto no nosso paiz, seguindo-se-lhe esterilidade e fome.

Em 1039 (22 de fevereiro) houve um grande terramoto em Portugal que se propagou a toda a Europa, sendo os estragos causados proporcionaes á extensão da propagação.

Houve outro em 21 de setembro de 1318.

Em 9 de dezembro de 1320 repetiram-se tres vezes os abalos no espaço de tres horas; o primeiro foi grande, o segundo maior e o terceiro tão violento, que se estendeu a toda a Europa, causando enorme panico.

Em 1344 houve um terramoto em Lisboa, que destruiu a capella-mór da Sé, mandada levantar por D. Alfonso IV, arruinando muitos edificios e morrendo muita gente.

Em 1355 houve dois, e qualquer d'elles importante: um em 11 de junho, outro em 4 de agosto. Ambos foram precedidos de secas enormes.

Em 24 de agosto de 1356 tremeu todo o reino durante um quarto de hora, e tão fortemente, que os sinos tangiam por si mesmos; a capella-mór da Sé de Lisboa abriu-se, cahiram muitas casas, e as que resistiram de pé ficaram arruinadissimas. Durante este anno repetiram-se os abalos varias vezes não só em Portugal mas em Hespanha e outros paizes. Este terramoto foi muito semelhante aos que solheu o nosso paiz em 1531 e 1755.

Em 1366 houve um que durou 30 segundos, sem causar estragos. O mesmo aconteceu em 1395.



O terramoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE — Os effeitos do terremoto
(Cliché de J. Benoitel).



O terremoto no Ribatejo. — EM BENAVENTE. — *As ruínas da Egreja Matriz*

Em 1504, reinando em Portugal D. Manuel, houve varios abalos violentissimos, que subverteram povoações inteiras e fizeram andar toda a gente fugida pelos campos.

Em 7 de janeiro de 1531 começaram a sentir-se grandes tremores de terra em todo o reino, que obrigaram os moradores das villas e cidades a sahir para os campos. Em Lisboa foi maior a impressão. e diz-se que nos seus arredores se subverteram muitas povoações.

fogo. Choveu agua cõr de sangue e sobreveiu um terremoto, que fez cahir mais de 200 casas, morrendo mais de 2:000 pessoas.

Em 7 de junho de 1575 houve novo abalo.

Em 22 de julho de 1597 cahiu em Lisboa uma grande parte do Monte de Santa Catharina. Este monte era eminente ao Tejo no mesmo sitio em que existe hoje a egreja parochial do mesmo nome. Naquelle local havia 110 moradas de casas, formando tres grandes ruas e um caes de pedra á borda do rio. A's 11 horas da noite d'aquelle dia o monte oscillou e submergiu-se, arrastando todas aquellas ruas, que desapareceram n'um momento.

Não ha memorias que provem ter havido tremor de terra n'essa occasião. São muitas, porém, as opiniões a favor d'aquelle phenomeno.

Em 7 de agosto do mesmo anno, na ribeira de Alcantara (em Lisboa) reuniram-se com grande ruido dois montes que estavam separados, subindo 60 palmos um valle que os dividia, ficando este depois excedendo em 30 palmos os referidos montes que antes o dominavam.

Em 1598 (8 de julho) tremeu o solo em Lisboa com tanta violencia, que a gente cahia por terra, e as casas tremiam, fazendo cahir os moveis. Repetiu-se mais vezes com curto intervalo de tempo e com egual energia.

Neste anno principiou em Lisboa a peste, que durou 5 annos, matando 80:000 pessoas.

Em 1699 houve muito fortes tremores de terra, sendo enorme e constante o panico; não houve, porém, estragos.

Em 1722 (27 de dezembro) houve no Algarve um violento tremor de terra, que, apesar da sua pouca duração, causou muitos estragos. Em Villa Nova de Portimão ficaram arruinadas a egreja do Collegio da Companhia e a egreja e convento dos Capuchos. Em Tavira cahiram 27 moradas de casas, ficando as restantes arruinadas. Em Faro cahiram muitas casas e a torre da Cathedral. Em Loulé ficou des-



O terramoto no Ribatejo. — EM SAMORA CORREIA
Uma casa arruinada

No dia 26 do mesmo mez foi tão violento o abalo que lançou por terra muitos palacios, egrejas e mais de 1:500 casas, deixando as restantes inhabitaveis e matando grande numero de pessoas.

Este abalo propagou-se por mais de 60 leguas. O Tejo sahio do seu leito, alagando os campos.

No mar a agitação foi tal que muitos navios foram a pique.

Tambem soffreram muito Santarem, Almeirim, Azambuja e outras povoações.

Em 1551 (28 de janeiro) parecia em Lisboa que o ar estava em



O terramoto no Ribatejo. — EM SAMORA CORREIA
O telheiro da Companhia das Lezirias

truido o convento dos Capuchos. O castello de Castro Marim soffreu muitos estragos.

Este tremor de terra parece ter sido devido a uma erupção submarina entre Faro e Tavira; attribue-se a este fogo subterraneo o



O terramoto no Ribatejo. — EM SALVATERRA
Como ficaram as edificações



O primeiro congresso municipalista



(Cliché de J. Benollel).

Os congressistas nos Jeronimos

O primeiro congresso municipalista, recentemente reunido, teve a adhesão da maior parte das camaras municipais e conquistou as sympathias de quasi toda a população do paiz.

Não podia deixar de acontecer assim desde que o congresso iniciou os seus trabalhos por afirmar a sua abstenção completa de toda a idea politica e os terminou enviando uma saudação ao chefe de Estado. Radicada como está no espirito de todos a idea da autonomia municipal, base das nossas maiores glorias e de todos os nossos antigos actos de patriotismo, a nação não podia deixar de acolher com agrado uma tentativa que, posta hoje em pratica, daria certamente no futuro os mesmos fructos que d'ella resultaram nos gloriosos tempos do passado.

facto de se verem em janeiro e dezembro as arvores cobertas de folhas e flores, colhendo-se pouco depois fructos sazonados como no mez de junho.

Depois d'este formidavel abalo, cujos effeitos foram muitissimo desastrosos, seguiu-se um periodo de repouso para Portugal.

Chegou finalmente o anno de 1755, que tão fatal foi para o nosso paiz e para muitos outros, excedendo porém todos os limites os desastres que aqui succederam.

São tão raros os testemunhos authenticos que nos ficaram do terramoto de 1755 que tem um enorme, um extraordinario valor aquelle que se segue.

Devêmol-o a um investigador infatigavel, o sr. professor Marrecas Ferreira, antigo collaborador do *Brasil-Portugal*. E' um depoimento valiosissimo feito por um cidadão inglez, que estava em Lisboa, e que presenciou de rita as scenas lancinantes do terramoto de 1755.

Esta publicação tem além de tudo, como os nossos leitores vêem, actualidade palpitante.

O grande terramoto de Lisboa em 1755

Nunca se viu manhã mais linda do que a do primeiro de novembro de 1755. O sol brilhava com todo o seu esplendor, e o aspecto do céu era perfeitamente sereno e claro. Nem se via o menor signal ou aviso d'aquelle próximo acontecimento, que, em poucos minutos deu á florescente, opulenta e populosa cidade de Lisboa uma scena de horror geral e desolação.

Na manhã d'aquelle dia fatal, entre as nove e as dez horas, estava, diz o escriptor, (1) sentado no meu quarto e no proprio momento em que tinha acabado uma carta, a meza sobre a qual escrevi, co-

meçou a tremer ligeiramente, o que me surpreendeu, pois que nem mesmo se apercebia o menor sopro de vento. Enquanto estava reflectindo sobre o que pudesse ser o motivo, toda a casa começou a ser sacudida de alto a baixo, o que a principio attribui á vibração produzida pelo rodar das carruagens na rua, mas escutando mais attentamente, dei por um horrivel ruído subterraneo semelhante ao ribombar de uma trovoadá distante. Tudo isto se passou em menos de um minuto. Então comecei a estar alarmado, porque me occorreu que o ruído podia ser o presagio de terramoto proximo.

Larguei a penna e levantei-me, estando um momento em duvida



O primeiro congresso municipalista
Visita ao deposito da Companhia das Aguas nos Barbadinhos

(Cliché de A. C. Lima).

(1) O auctor refere-se a um escriptor cujo nome não indica.



O primeiro congresso munic'palista

*Visita ao depósito da Companhia das Aguas nos Barbadinhos.
Vendo a chegada das aguas*

se devia ficar no quarto ou correr para a rua, mas de repente acordei do meu sonho, sendo aturdido com um horrível estrepito, como se todos os edificios da cidade tivessem desabado ao mesmo tempo. A casa era sacudida com tal violencia, que os andares superiores abateram immediatamente, e, ainda que o meu quarto (situado no primeiro andar) não tivesse immediatamente a mesma sorte, tudo



O primeiro congresso municipalista

Os congressistas sahindo do depósito dos Barbadinhos

(* clichê de A. C. Lima).

saia fora do seu lugar, e foi com difficuldade que me puz a salvo.

Esperava nada menos do que morrer esmagado, pois que as paredes continuavam oscillando de maneira assustadora, abrindo-se em varios sitios; caíam por toda a parte pedras grandes das fendas, e as extremidades de muitas vigas saíam ao mesmo tempo para fóra das paredes. N'um momento o céu poz-se tão escuro que não se podia ver nada. Era como que uma escuridão egypcia devida ás prodigiosas nuvens de pó e caliza provenientes de tão grande desmoronamento, e de exhalações sulphurosas. O certo é que me senti quasi suffocado durante uns dez minutos.

Logo que as trevas começaram a dissipar-se e a violencia da suffocação a diminuir, o que vi primeiramente no meu quarto foi uma mulher sentada no chão com uma creança nos braços, coberta de pó, pallida e tremente. Perguntei-lhe como é que ella tinha ido parar lá, mas a sua consternação era tão grande, que não me poudo dar noticia d'isso. Perguntou-me, na maior angustia, se eu não pensava que o mundo ia acabar, e em seguida queixou-se de suffocação pedindo-me para lhe arranjar uma bebida qualquer. Disse-lhe que não devia tratar de matar a sêde, mas sim de salvar a vida, pois que a casa estava quasi a cair sobre as nossas cabeças, e, um segundo abalo ter-nos-ia, certamente, sepultado.

Desci levando a mulher pelo braço e dirigi-me immediatamente para a extremidade da rua, que ia dar para o Tejo, mas, achando a passagem completamente obstruida pelo desmoronamento das casas, voltei para traz ajudando a mulher a subir para cima de um grande montão de ruínas, não com

pouco perigo para a minha propria vida. Quando nós iamos pela rua, houve um sitio em que eu não podia trepar sem a ajuda das mãos, portanto desejava que ella dispensasse o meu braço, o que fez, ficando dois ou tres pés atraz de mim, e n'este instante caiu uma grande pedra de uma parede que se estava desfazendo, a qual esmigalhou mulher e creança.

Tinha agora que passar por uma rua comprida e estreita, em que as casas de ambos os lados eram de quatro ou cinco andares, todas muito velhas e a maior parte já desmoronadas, ou continuamente caindo e matando a cada passo os transeuntes, alguns dos quaes jaziam adeante de mim, ou, o que era mais deploravel, tão pisados e feridos, que não puderam mover-se para escapar à morte imminente, produzida pelo que sobre elles ia caindo.

Como a preservação propria é comtudo a primeira lei da natureza, andei tão depressa quanto pude, e, tendo dado com uma rua estreita, achei-me a salvo no largo em frente da igreja de S. Paulo, a qual tinha desabado poucos minutos antes, sepultando uma grande parte das pessoas que estavam dentro! Ahi fiquei um bom bocicado



O primeiro congresso municipalista

Algumas senhoras de familia dos congressistas

pensando no que havia de fazer, mas não me achando bem seguro, trepei para cima das ruínas do extremo oeste da igreja, para alcançar a margem do Tejo, afim de me desviar o mais possivel das casas que desabassem, se por ventura houvesse novo abalo.

Tudo isto fiz com alguma difficuldade, e na margem do rio encontrei muita gente de ambos os sexos e de todas as classes. Todos estes, a quem o perigo mutuo tinha ali reunido como em lugar de salvamento, estavam com o horror da morte ajoelhados, em oração, pedindo aos céus que d'elles se compadescessem. Enquanto estavam implorando misericordia, outro abalo, um pouco menos violento que o primeiro, completou a ruina dos edificios que já tinham soffrido bastantes avarias. A tristeza então espalhou-se de tal modo, que os gritos podiam-se sentir distinctamente a uma distancia consideravel: ao mesmo tempo ouvia-se o estrondo resultante do desabamento de uma igreja parochial, onde tambem morreu muita gente. A força d'este abalo foi tão grande, que eu mal me pude aguentar de joelhos, e foi seguido de alguns acontecimentos terriveis.



O primeiro congresso municipalista

Aspecto da praça do Municipio por occasião das saudações ao congresso
(* clichê de J. Benollet).

De repente ouvi um grito geral, «o mar avança, estamos todos perdidos!» Voltando os olhos para o Tejo, que n'aquelle sitio tem quasi quatro milhas de largura, vi-o extraordinariamente encapellado, o que me admirou, pois que não havia quasi vento. N'um instante appareceu a pouca distancia uma grande massa de agua erguida como uma montanha. Approximou-se escumando e precipitou-se sobre a praia com tal velocidade, que nós todos corrimos em salva-

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



No dia da abertura da exposição.
Sua Magestade El-Rei despedindo-se das pessoas presentes

(Cliché de A. C. Lima).

Com a assistencia de S. M. El-Rei abriu ha dias a exposição promovida pela Sociedade Nacional de Bellas Artes. Figuram n'esta exposição de que publicamos gravuras de dois quadros expostos, 203 pinturas a oleo, 21 esculpturas, 16 architecturas, 84 desenhos, pastéis e aguarellas e 23 obras d'arte applicada, sendo 91 os artistas que concorreram.

ção das nossas vidas tão depressa quanto podiamos. Muitos foram arrastados, e eu não escaparia se não me tivesse agarrado fortemente a uma grande viga, que por acaso ali estava, até que as aguas voltassem outra vez ao seu leito, o que succedeu immediatamente e com muita rapidez.

Sendo tantos os perigos das aguas como da terra, eu não sabia de que maneira me havia de pôr a salvo. Comtudo tomei uma resolução: voltar para junto da igreja de S. Paulo. Ahí fiquei por algum tempo observando os navios que balancavam medonhamente n'aquella violenta tempestade. Alguns rebentavam as amarras e eram levados para a outra margem do Tejo; outros redemoínham com incrível velocidade; varios barcos grandes estavam invertidos de quilha para o ar, e tudo isto succedia quasi sem haver vento. N'este instante o caes novo, feito de marmore em bruto, foi completamente engulido com todos quantos estavam sobre elle como em lugar de salvação, tendo motivo para se considerarem fóra de perigo. Ao mesmo tempo um grande numero de barcos ancorados perto d'elle, todos cheios de gente ali refugiada para o mesmo fim, desapareceu na viagem sem nunca mais ser visto qualquer d'elles.

Eu não presenciei este terrivel desastre, pois que se deu a um quarto de milha do lugar onde estava, mas ouvi-o contar a varios mestres de navios ancorados defronte do caes, testemunhas de toda a catastrophe. Um d'elles contou-me que durante o segundo abalo viu as ondas varrendo a cidade de lado a lado, como succede no mar quando o vento começa a levantar-se, e que a agitação da terra era tão grande mesmo debaixo do rio, que levantou as ancoras do fundo, parecendo nadarem estas á superficie da agua; que n'esta terrivel concussão o rio se ergueu de repente a uns vinte pés, e n'um instante desceu; ao mesmo tempo viu o caes apinhado de gente assim como os barcos que ali estavam perto desaparecerem n'aquella

grande cavidade que instantaneamente se fechou, passando-se tudo de maneira que nunca mais se viram vestigios de tal fenda. Fui lá umas poucas de vezes e não pude achar senão as ruínas de um lugar, onde dei passeios agradaveis; achei só agua funda, e n'algumas partes tanta, que difficilmente se poderia sondar.

Não havia ainda muito tempo que estava no adro da igreja de S. Paulo, quando se sentiu o terceiro abalo, durante o qual, apesar de menor que os dois primeiros, o mar avançou outra vez, mas recuou da mesma maneira. Constou-me que as aguas retiraram tão impetuosamente, que alguns navios, navegando em sete braças de agua, ficaram a secco.

Talvez julguem o assumpto terminado, mas, ai de mim! os horrores d'aquelle dia eram sulcificantes para encher um volume. Logo que começou a escurecer, á noitinha, patenteou-se outra scena um pouco menos commovente do que as já descriptas. A cidade toda appareceu em chamas, tão clara que se podia ver o bastante para ler. Esteve, sem exagero, incendiada em cem sitios diferentes ao mesmo tempo, e continuou ardendo durante uns seis dias, sem intermissão, ou por outra, sem o menor obstaculo ao seu progresso, tal era a miseria e tristeza dos sobreviventes.

Nunca ouvi dizer que aquella terrivel incendio fosse devido a alguma erupção subterranea. Sendo o primeiro de novembro o dia de todos os santos, todos os altares e igrejas ou capellas (tendo algumas d'ellas mais do que vinte) estavam illuminadas por um certo numero de velas e lampadas, as quaes communicando o fogo ás cortinas e ás madeiras, que iam caindo com o terramoto, davam ensejo a que o incendio se estendesse rapidamente ás casas visinhas. O fogo, por consequencia, destruiu toda a cidade, pelo menos, tudo quanto era grande ou valioso.

O numero de mortes devidas ao desabamento suppõe-se, pelo ultimo calculo, montar a mais de sessenta mil. Esta extensa e opulenta cidade não era agora mais do que um montão de ruínas; ricos e pobres estavam nas mesmas circumstancias, e alguns milhares de familias, que ainda nas vespersas viviam sem grandes difficuldades, assentavam arraias nos campos, em procura de conforto, sem que ninguem os pudesse socorrer.

David Blair.

Tradução de E. V. Marrecas Ferreira.

Politica internacional

S em nos queremos arrogar o difficil mistér de prophetas, mesmo porque as prophcias em sociologia e em historia são quasi impossiveis, é certo entretanto que n'esta Revista mais de uma vez temos feito previsões, que inteiramente se realisaram. Assim, por exemplo, quando a proposito da ultima e recente visita de Eduardo VII a Berlim a maioria da imprensa européa, sem excluir a propria allemã e a ingleza, escreviam longos artigos dithyrambicos a respeito das relações anglo-germanicas, chegando



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes. — A Ilha dos Amores

(Cliché de J. Benoitel).

(Quadro de Malhoa)



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes. — *Uma paisagem*

(Cliché de J. Benoitel).

(Quadro de João Vaz)

a escrever que todo o motivo de rivalidade entre as duas nações tinha desaparecido e que nem o mais leve mal entendido ia separar-as para o futuro, sustentámos nós, aqui mesmo, que a entrevista dos dois monarchas em cousa alguma alterava as condições em que as respectivas nações se encontravam, e que o antagonismo entre ellas não desaparecia por motivo de simples visitas de cortezia, por isso que tinha fundas raizes no choque de interesses dos dois collossos. Mais cedo mesmo do que nós o previramos vimos as nossas supposições confirmadas.

A discussão que acaba de realisar-se no parlamento inglez, motivada pela execução do programma naval allemão, é symptoma eloquente do estado das relações anglo-allemãs no dia seguinte ao da entrevista entre tio e sobrinho. E as revelações feitas durante essa discussão são tanto mais graves, quanto pela primeira vez foram produzidas por um membro do governo — o sr. Mac-Kenna.

Assim veio a saber-se por confissão do proprio ministro não só que dentro em pouco a Allemanha terá mais Dreadnoughts do que a Inglaterra, mas que a capacidade constructora do imperio allemão já iguala se não excede a da mesma Grã Bretanha.

Pôde bem suppôr-se a enorme impressão que semelhante revelação produziu no espirito publico. No parlamento a moção de censura ao governo apresentada pelo sr. Balfour, sustentando que o ministerio tinha descurado a defeza nacional, foi regeitada como era de prever dado o seu character politico. Mas fóra, em todas as classes sociaes, o sentimento de panico é geral. O «perigo allemão» está na ordem do dia e n'um momento e como que por encanto todas as outras preocupações desapareceram deante da preocupação maxima da invasão do paiz. E' inutil por agora que o governo liberal pense em reformas sociaes ou economicas. Os proprios radicaes mais ardentes não lh'o consentiriam. Do que se precisa actualmente é de dinheiro, de muito dinheiro para construir muitos couraçados, o dobro se fór possivel dos que a Allemanha está construindo. Só assim o espirito publico, tão violentamente sobresaltado, se acalmará. E este movimento de terror pela sorte do imperio já chegou ás colonias. O governo da Nova-Zelandia offereceu ao almirantado um Dreadnought inteiramente armado e equipado á custa da colonia. A Australia e o Canadá preparam-se para proceder do mesmo modo. E é digno de registrar-se que o receio da Allemanha acaba de fazer mais para a unificação do imperio britannico do que os esforços de todos os estadistas inglezes n'estes ultimos vinte annos.

Perante este movimento, que cada dia mais se generalisa, onde estão as afirmações que ainda ha pouco se faziam de intima confraternidade dos dois povos?

Assim, pois, está outra vez no estado agudo a questão das relações anglo-allemãs, apesar dos artigos idyllicos escriptos pela imprensa dos dois paizes ainda ha bem pouco tempo. Não sabemos se são ou não exagerados os receios da Inglaterra, e se com effeito a hegemonia dos mares que ella exerce n'este momento está prestes a passar para a sua rival. Seja, porém, como fór o certo é que a discussão da camara dos commons veiu pôr outra vez em fóco o «perigo allemão» e difficil se torna prevêr o que vae immediatamente resultar do actual estado dos espiritos no Reino Unido. A primeira consequencia, e n'essa todos estão de accordo, é o enfraquecimento e talvez a queda a breve trecho do governo liberal.

Com effeito pela nova orientação da maioria do ministerio presidido pelo sr. Asquith — e dizemos maioria, porque ha uma minoria composta dos srs. Lloyd George, Winston Churchill e Burns que apesar de tudo se não dá por convencida — pôdem considerar-se como postas de parte as reformas sociaes e economicas que os radicaes inscreviam no seu programma. Essas reformas custam muito dinheiro, e depois

das declarações do sr. Mac-Kenna todos os milhões disponíveis são para construir os Dreadnoughts, que constituem a unica preocupação do governo.

Sob este ponto de vista são decisivas as afirmações publicadas no *Labour Party*, o orgão do «partido do trabalho» inglez, que passamos a reproduzir:

«O medo actual causa-nos grande prejuizo e neutralisa transitoriamente os effeitos da nossa propaganda. O espectro allemão aterrorisa as massas operarias tanto como as classes burguezas e aristocraticas.

O profundo odio que o militarismo prussiano inspira a todas as classes sociaes impõe-se ás correntes pacificas de que nos ufanavamos com menos razão do que supunhamos, segundo agora se está vendo.

Actualmente, accusa-se Keir Hardie, como Jaurès em França, de defender os interesses da Allemanha. Esta accusação é absurda, mas, sem duvida por isso, encontra mais crentes.

Como inglezes e como homens, oppomos-nos a que a Inglaterra se arruine construindo novos navios de que não necessita. Mas reconhecemos que o panico da nação nos deixa sós com as nossas convicções.

No seu desejo de derrubar o liberalismo, o partido conservador não vacilla em emprender campanhas alarmantes. Essas

campanhas encontraram technicos complacentes que puzeram a sua sciencia ao serviço dos politicos, esquecendo-se de que o patriotismo lhes impõe outros deveres. Alguns auctores dramaticos aproveitaram a oportunidade e descreveram, em peças muito más, mas feitas com habilidade sufficiente para impressionar os ingenuos, as consequencias de uma invasão germanica. Apresentaram os cidadãos inglezes vexados, opprimidos, insultados pelos soldados allemães, e o povo, que viu em scena um burguez ás ordens de um soldado prussiano, obrigado a servir-o, a ceder-lhe o seu leito, a aguentar as suas impertinencias, a suffocar a sua indignação patriótica, jurou a si proprio fazer todo o possivel para que tal facto nunca se dê.

Pois bem: é preciso dizer á Inglaterra que a Allemanha tem muito menor poder naval do que supõem alguns imprudentes e varios maliciosos, e que a Inglaterra, sem se arruinar, pode conservar a sua supremacia.»

Este testemunho é insuspeito. Assim, pela fatalidade dos acontecimentos o governo liberal está impossibilitado de cumprir o seu programma e semelhante situação colloca-o entre dois fogos. Por um lado os conservadores accusam-n'o de faltar aos seus deveres para com a nação, desprezando os avisos que lhe tem sido feitos e deixando enfraquecer a defeza do imperio. Por outro os radicaes atacam-n'o por submeter-se ao criterio imperialista dos seus adversarios e ir dispendir esterilmente em novas machinas de guerra ás quantias que deviam tornar possiveis as reformas sociaes a que se tinha comprometido perante o corpo eleitoral.

Em taes termos que poderá o ministerio do sr. Asquith fazer? Paralyzado na sua acção, malsinado nas suas intenções, é licito prevêr-lhe para época não mui distante a queda.

Caido o actual governo liberal succeder-lhe-ha um governo conservador da presidencia do sr. Balfour. O verdadeiro perigo para a paz começará então. E' claro que immediatamente os armamentos navaes inglezes vão tomar um grande incremento, afim de tornar a superioridade maritima da Grã-Bretanha indiscutivel. Já se aventa a idéa de contrair um colossal emprestimo nacional para construir de uma vez tal numero de Dreadnoughts, que a Allemanha tenha de renunciar a augmentar mais a sua esquadra. Mas renunciará ella n'esta hypothese a alargar o seu programma de construcções? E' li-



Alguns membros do congresso pedagogico A' saída da Camara Municipal

(Cliché de A. C. Lima).

cito duvidar. Chegada á actual situação em que se encontra, animada pelo panico da sua rival, e ferida no seu amor próprio pela especie de desafio que lhe vae ser lançado pela Inglaterra, tudo nos leva a crer que em vez de retirar-se da liça declarando-se vencida, vae pelo contrario redobrar de esforços para não abandonar o ter-

nacional a Alemanha recusar-se-ha a acceder a semelhante imposição. O resto é fácil de prever-se.

Para quando será este terrível choque, cujas consequências são de apavorar? A ascensão ao poder do futuro-ministerio conservador

Na Praça de Algés — Um toiro de morte



Aspecto geral. — Malagueño dando uma estocada

Foi ha poucos dias ainda.

Em plena praça de Algés, sendo espada o hespanhol Malagueño, foi morto um toiro.

O photographo feliz do Brasil-Portugal colheu em flagrante varias peripecias da corrida de amadores — um par de bandarilhas habilmente posto por D. José Mascarenhas, uma estocada por Malagueño, o arrancar do estoque do cachaço do bicho, e D. Ruy da Camara a cavallo, vibrando um golpe que atirou para o insondavel das trevas com o cornupeto.

Os instantaneos aqui ficam na Revista, que, muito tranquillamente, parodia Pilatos, lavando as mãos...

reno. Quem sabe se ao grande emprestimo inglez em perspectiva não se seguirá um grande emprestimo allemão para o mesmo fim?

É perante semelhante attitudo de parte a parte, com a tensão dos espiritos que necessariamente é a consequencia de tal situação, como

inglez deve approximar muito o fatal conflicto. E não poderá elle ainda ser evitado? Parece-nos tarde de mais, dados os elementos irreductiveis que o estão preparando.

Ainda a proposito de outro assumpto parece que as nossas previsões vão infelizmente realizar-se. Recordam-se de certo os leitores que muito embora tenhamos largamente tratado, com a sympathia que ella merece, da revolução realisada pelos jovens-turcos, nunca escondemos as nossas preoccupações com relação ao seu exito final, por ir de encontro ao que até hoje nos ensina a sociologia e a historia, que uma simples revolução politica possa mudar de um momento para o outro o caracter de um povo, principalmente quanto este povo



"Malagueño" tirando a espada

(Cliché de A. C. Lima).

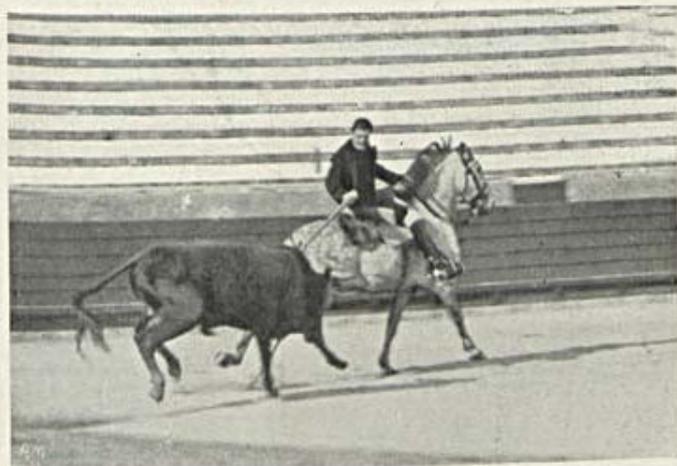
póde evitar-se que um incidente qualquer determine a explosão? Isto suppondo que o plano das duas rivaes é simplesmente ganhar a partida com os milhões dispendidos, sem recorrer á razão ultima dos canhões. Mas, se é um axioma hoje geralmente admittido na estrategia militar que toda a defensiva para ser eficaz tem de ser ao mesmo tempo offensiva, sendo certo por outro lado que cada dia que passa antes da liquidação final de contas constitue uma nova probabilidade contra a Inglaterra, não é de recear que esta ultima potencia n'um esforço supremo procure as vantagens de um ataque tanto quanto possivel immediato antes que a Alemanha tenha completamente realisado todo o seu programma naval, engrandecido em ultima edição? Os pretextos para cohesionar estes ataques nunca faltam, tanto mais que está um sempre á mão — a proposta, leia-se *ultimatum*, para limitar os armamentos maritimos no interesse da paz. Por orgulho



D. José de Mascarenhas collocando um par de bandarilhas

está deformado por longos annos, por seculos mesmo de despotismo. Até hoje a revolução turca tem-nos dado um bello exemplo de moderação e tolerancia, é verdade. Mas ultimamente começaram a apparecer alguns symptomas inquietadores, e á ultima hora fala-nos o

telegrapho de uma verdadeira contra-revolução, da queda do governo de Hilmi-Pachá, o representante dos jovens-turcos no poder, e da revolta de uma parte do exercito parece que contra a sociedade «União e Progresso» que, como se sabe, tem sido até agora o verdadeiro sustentaculo da revolução. Por ora, as noticias telegraphicas são muito obscuras e muito incompletas. Passa-se no entretanto



D. Ruy da Camara dando a estocada que matou o toiro

(Cliché de A. C. Lima).

n'este momento alguma coisa grave em Constantinopla. Ou nos enganamos muito ou trata-se de uma desforra de Abd-ul-Hamid e de mais alguém talvez. Seja, porém, como for, reecemos que se realizem as nossas previsões.

CONSIGLIERI PEDROSO.

N'um Claustro

Vinha o luar, das sombras confidente,
Atravessando a húmida arcaria;
O vento acarinhava a pedra fria
E gotejava o tanque em som dolente;

Tudo ensinava ali como é demente
O revolvêr das turbas, noite e dia,
Como a paixão dos homens tresvaria
Por bem mesquinhas coisas finalmente ..

Oh! quem tivesse a paz dos venturosos
Que passaram momentos bonançosos
N'essa quêda mansão que a lua espreita,

E visse, de alma livre e repousada,
A mentira do mundo já desfeita,
A comédia da vida terminada!

Antonio Sergio.

Recompensas decretadas pela Republica da Hollanda em 1665

A republica da Hollanda promulgou, em 17 de março de 1665, um decreto que regulava as recompensas a que deviam ter direito aquelles que fossem mutilados no serviço da patria.

Essas recompensas eram as seguintes :

Áquelle que perdesse ambos os olhos.....	300\$000	Réis
Ao que perdesse um só.....	70\$000	"
Ao que perdesse ambos os braços.....	300\$000	"
Ao que perdesse o braço direito.....	90\$000	"
Ao que perdesse o braço esquerdo.....	70\$000	"
Ao que perdesse ambas as mãos.....	240\$000	"
Ao que perdesse a mão direita.....	70\$000	"
Ao que perdesse a mão esquerda.....	60\$000	"
Ao que perdesse ambas as pernas.....	140\$000	"
Ao que perdesse uma só.....	70\$000	"
Ao que perdesse ambos os pés.....	90\$000	"
Ao que perdesse um só.....	40\$000	"

Noite no Tejo

O rio é negro e nem de espuma um claro o esmalta,
Que a noite é negra e um negro incauto encobre a lua;
Apenas uma véla em mastro de falúa
De tanto negro, negro, em tanto alvor, resalta.

De lume fátuo, incerto, onde o contorno falta,
Assim no escuro d'alma uma illusão fluctua;
O enxame da cubiça em torno tumultua,
E a phantasia, emtanto, aspira a luz mais alta.

Fazendo volta ao mar, voltar-me a noite bella
Das auras bem pudera o canticó em surdina,
Que as nuvens extravia e os sonhos maus debella.

E, rota assim da luz a luminosa mina,
Eu vira, em meu transporte, altiva, a branca véla,
Correr, sorrir, brilhar no ardor da tremulina.

D. João da Camara.



El-Rei D. Carlos

(Busto em bronze)

O busto e o pedestal que hoje inserimos saíram das officinas da Fundação Indígena, de Farinha, Carvalho & C., do Rio de Janeiro, e figuraram na Exposição Nacional d'aquella cidade no anno passado, obtendo o grande premio. O busto é do escultor H. Cavina, e o pedestal, estylo Luiz XV, do escultor H. Lavoie. Além de ser um primor de fundição, foi todo cinzelado, e tem a mesma decoração nas quatro faces.

Este trabalho pela sua impecavel execução, veio mais uma vez consolidar os credits da Fundação Indígena, uma das primeiras da America do Sul, e a competencia do seu incançavel gerente, o sr. commendador Santos Carvalho, nosso intelligente compatriota.

O Vesúvio

O Vesúvio é uma montanha relativamente recente, surgida nas épocas terciárias. Não é improvável que o seu começo se desse debaixo do mar. Está, como Nápoles, sobre camadas de matérias vulcánicas, que se espraíram por essa região muito antes da formação do cóno vesúviano. Póde este ter surgido repentinamente, mas não havia ali espectadores para ver tal phenomeno, como havia em 1508, quando o Monte Vesúvio se elevou á altura de 400 pés perto do littoral.

A montanha, como todos os vulcões, é constituída de lavas que foram lançadas de dentro da terra e solidificadas nas suas encostas; devem, portanto, durante milhares de annos, no passado, ter-se dado ali terriveis erupções.

A historia não vai até lá.

Os Romanos, durante muitos seculos, consideraram o Vesúvio uma força extincta. Na segunda guerra punica, Spartaco e os seus partidários acamparam dentro da cratera. No anno 63 da era christã, depois de ruidosos terramotos, que quasi sempre dão aviso dos cho-

ques paroxysmaes, occorreu, a primeira erupção. Pompeia soffreu então sériamente. Os seus cidadãos estavam ainda reconstruindo ou reparando as suas casas abaladas, quando, em 24 de agosto de 79 da era christã, se viram empolgados pela medonha inundaçáo de poeira, cinzas e *lapilli* — ou pedras pequenas — que sepultou a cidade e conservou até hoje o unico specimen do que era uma cidade romana de provincia da era dourada.

Sommando os habitantes de Pompeia e de Herculánium, calcula-se que pereceram 200.000 pessoas; como não havia, porém, estatísticas n'esse tempo, é de suppôr que esses algarismos sejam exaggerados.

Seguiu-se então outra era de repouso.

Nos annos 203, 472, 512, 685, 983 e 993 occorreram erupções de certa violencia, e em 1036 registou-se a primeira extravasáo de lava.

Passaram-se seis seculos antes que se desse outra erupção de grande violencia, a de 1631, em que, resa a historia, morreram 18:000 pessoas.

De então para cá os intervallos tornaram-se menores, e desde 1701 o grande vulcão tem tido perturbações periodicas.

No decimo oitavo seculo registaram-se vinte e seis erupções importantes e no decimo nono vinte e sete. Entre as mais desastrosas contam-se as de 1767, 1794, 1822, 1867-68, havendo a primeira

THEATRO DE D. MARIA. — Uma recita de caridade



O Festim de Balthazar

Em scena: — Conde da Figueira (D. Lutz) — D. Thereza Valente Taboira, D. Avelina Vaiente Taboira — José de Carvalho Danu e Lorena — José Maria Eça de Queiroz — D. Joaquim de Castello Branco — Antonio Paes de Sande e Castro — José de Castel-Branco Ribeiro da Cunha — Bento de Carvalho Danu e Lorena — Ludovina Monteiro Soares d'Albergaria — D. Maria Eça de Queiroz — Leopoldo Soutomaior Diniz — José de Mello de Castro Moreira e José de Castello Branco.



(Clichés de A. C. Lima).

Personagens que entraram nos côros da recita de caridade

sido testemunhada por sir William Hamilton, e a ultima pelos professores Tyndall e Milles e lord Avebury.

As erupções recentes mais notaveis foram as de 1872, 1879, 1888, 1892, 1897, 1900 e 1901.

Com quanto Napoles tenha sempre o Vesuvio á vista a expellir columnas de fumo durante a maior parte dos dias e a apresentar, á noite, um clarão vermelho, a cidade nunca soffreu dos derramamentos da lava. Tem soffrido fortes abalos de terra, mas a actividade do vulcão parece protegê-la.

Das cidades existentes, a Torre do Greco é a que tem sido mais devastada. Torrentes e torrentes de lava tem corrido sobre ella. Ha egrejas antigas soterradas debaixo do seu sólo actual.

Quasi todas as aldeias e municipios em um circuito de trinta milhas do Vesuvio têm uma ou outra vez pago o tributo da sua proximidade do vulcão; e todavia de 80 a 100.000 pessoas vivem nas suas encostas, além do meio milhão de habitantes amontoados nas quatro ou cinco milhas quadradas de Napoles.

Tem-se perguntado frequentemente porque não abandona essa gente uma localidade tão de temer. A resposta é que a fertilidade do solo é perenne e o perigo occasional. As dejectões vulcanicas são ricas em alumen, silica, magnesia, cal, potassa e ferro, e pela sua decomposição contribuem para formar terrenos esplendidos.

Muitos dos melhores vinhedos da Italia estão nos arredores do Vesuvio. Tire-se o vulcão e não poderia subsistir na mesma área uma decima parte dos lavradores ali existentes.

Em tempos normaes, a perspectiva em qualquer lado do Vesuvio é uma coisa deslumbrante, especialmente n'aquelles pontos que mais tem soffrido. «A cada passo, diz Lobley, nos achamos entre ricos vinhedos ou jardins, ou entre coisas novas e interessantes, e em toda a interrupção na subida a vista encontra espectaculos de belleza assombrosa, uma grande extensão de terra e mar, que, pela variedade e pittoresco do contorno, assim como pelo brilho e riqueza do colorido, não tem talvez igual.»

Conta-se dos habitantes de Resina que, durante as erupções de 1868, se mostraram tão pouco amedrontados com o avanço da torrente da lava que «lhe foram ao encontro com bandos de musica e celebraram a sua marcha com polkas e outras danças, porque uma erupção de lava leva a Resina muitos visitantes com dinheiro.»

A sua confiança foi justificada, porque Resina, depois de tudo acabado, havia passado incolume.

ANECDOTA

Uma zanga entre deputados:

— Finalmente, v. ex.ª — dizia um — é um deputado de tal ordem que nunca abriu bocca na camara.

— Pois está completamente enganado — respondeu o outro — porque todas as vezes que o senhor falla ainda não pude deixar de bocejar.

THEATROS

Fecham-se os theatros uns após outros. As companhias emigram para o Brasil, para as ilhas, para as provincias, e o publico prepara as malas para fugir ao calor.

D. Maria tem as portas meio cerradas. O Principe Real ás moscas. A Avenida chora pelo Luiz Galhardo, e pelas coristas bonitas que levantaram vôo agora que o mez de maio, o mez das flores, nos bate ao portão.

Ficaram de pé: a Trindade que promette enfiar o verão, cantando — o Gymnasio com o eterno Valle — D. Amelia, o ponto de reunião de todos os smokers alfacinhas, e o Colyseu, o grande lyrico popular, a pouco mais de nada a entrada, e a que hoje consagramos seis lindas gravuras de artistas... do outro sexo.

D. Amelia fecha com chave de ouro a sua época feliz — TINA — e torna a abrir com chave de valor — ZARZUELLA. E vem de molde uma saudação e um farewell á bella comedianta italiana que nos deu noites deliciosas com as suas creações, com a sua arte, com a superior interpretação de tão variadas personagens. N'esta saudação de despedida abrangemos os artistas de merito que a acompanham, entre os quaes damos o primeiro logar a Armando Falconi, actor moderno, meiculoso, analyta, completo, um actor emfim, que as plateias adoram pela naturalidade, pela verdade com que nós dá os typos que desenha.

Cá esperamos breve esse grupo já nosso conhecido.

E agora, guardada na memoria a recordação d'essas noites de arte, de enternecimento e de sorrisos, preparemo-nos para as peteneras, e para as castanhólas, que nos chegam do paiz das lendas, da Señora del Pilar, da graça, da mansanilla e de los mantones. Roma cede o logar a Madrid. A doçura da Italia é substituida pelo caramba energico do Manzanares. Findo o reinado das madonas, começa a dictadura das morenas gaditanas. Transição rapida. Mutaçõ completa ordenada pela varinha magica do S. Luiz de Braga que dirige o barco com a sua batuta á laia de leme.

Sentados, pois, nas nossas butacas... panno acima.

Não ha duvida que é no Colyseu dos Recreios onde se encontra a verdadeira opera popular. Não se trata d'uma phrase banal ou

THEATROS

Colyseu dos Recreios



Companhia d'opera italiana. — Maria Galvani.

d'um reclamo espalhafatoso — é a realidade dos factos que todos tem verificado ou podem verificar.

Por preços baratissimos, ao alcance de todas as bolsas, Antonio Santos tem proporcionado ao publico uma companhia d'opera italiana que é quasi de primeira ordem e, não satisfeito com isto, ainda quiz que a capital tivesse ensejo de ouvir mais uma vez uma celebri-



Izabel Toffe



Enriqueta Aceña



Mercedes Ranz

dade incontestável — Maria Galvany — cuja garganta privilegiada tem conseguido prender por completo a atenção dos milhares de espectadores que a tem escutado, no meio do mais religioso silêncio, como que ganhando alento para no final de todos os actos a applaudirem com maior entusiasmo.

Lisboa tem razão para estar satisfeita: prova-o enchendo por completo todas as noites a vasta sala de espectáculos.

Ali se tem passado horas magníficas, unicamente ensombradas pelos chapéus das senhoras que às vezes produzem o eclipse quasi total do palco.

Ainda ha dias, por exemplo, ouvimos todo o 2.º acto da *Lucia* como que sepultados entre oito chapéus de senhoras. Era o unico lugar que existia vago e esse mesmo não o teríamos avistado se um porteiro amavel o não tivesse indicado aos nossos olhares.

Era tal a profusão de flôres que ornamentavam os ditos chapéus que a cadeira vaga ficava completamente occulta. Poderia dizer-se que existia ali um recanto de jardim, mas não se suspeitava que se estivesse n'um lugar da platéa do Colyseu.

Da companhia fazem parte as cantoras sr.ª Isabel Toffé, Marga-

rita Julia, Enriqueta Aceña, Mercedes Ranz e Juliette Wermez, cujos retratos publicamos, e muitos outros artistas de valor, devendo citar-se entre elles o tenor Vincenzo Costa e o barytono Francesco Molina, o primeiro dos quaes muito se tem distinguido no papel de *Radamés*, na *Aida* e no de *Manrique*, no *Trovador*, cantando primorosamente o *corro a salvar-te* que foi obrigado a repetir, e o segundo no papel de *Amonasro*, na *Aida* e no de *Carlos V*, no *Ernani*, cantando muito bem a parte final do 3.º acto — o que lhe valeu fartos applausos.

O barytono Giovacchini é já nosso conhecido e não tem desmentido este anno o bom conceito conquistado nos anteriores. Está nas mesmas condições a cantora sr.ª Enriqueta Aceña.

Quanto ás s.ªs Isabel Toffé e Margarita Julia, que nos deram uma *Aida* muito bem cantada, são evidentemente duas cantoras de merecimento, podendo dizer-se o mesmo das outras que fazem parte do elenco da companhia.

De Maria Galvany não sabemos o que dizer. A sua reputação está feita e o numero dos seus triumphos tem sido o mesmo que o das suas recitas.

Até hoje tem sido cantadas as operas *Aida*, *Tosca*, *Ernani*, *Lucia*, *Trovador*, *Sonambula*, *Bohème*, *Rigoletto*, etc., concorrendo todos os artistas para um bom exito completo.



Margarita Julia



Juliette Wermez